

BOLETIM Informativo

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

ANO III

NOVEMBRO / DEZEMBRO 1997

Nº 10

Editor: JOSÉ HYGINO OLIVEIRA

Jornalista Responsável: MARIEN CALIXTE

APRESENTAÇÃO

Conforme o leitor poderá perceber, o seu "Boletim" está mudando. Mantidas as páginas de "A Poesia é necessária" e a primeira com o "Noticiário", cessam as transcrições e entram apenas trabalhos inéditos e resenhas, principalmente de obras publicadas no Estado. Essa foi a vontade dos associados e a atendendo, o Boletim aí está com nova roupagem.

O EDITOR

Noticiário

Instituto Histórico e Geográfico de Cachoeiro elege Diretoria

O Instituto Histórico e Geográfico de Cachoeiro de Itapemirim realizou eleição para sua diretoria, sendo eleitos para presidente Manoel Gonçalves Maciel, Vice: Joaquim Pires de Amorim; 2º Vice, Gláucia Moulin Coelho; 3º Vice, Alcio Franco; Secretário-Geral, Paulo Estellita Herkenhoff; Secretário-Adjunto, Nelson Sylvani; Encarregada da biblioteca, Alvina Bahiense; Encarregado de arquivo e museu, Paulo Henrique Thiengo; Oradora, Ariete Moulin Costa e 2º Orador, Paulo Estellita Herkenhoff. Aos confrades de Cachoeiro, os votos de feliz gestão.

Lançamentos

Vários consócios lançaram livros nas últimas semanas. Entre eles, Renato Pacheco, que lançou "Eu vi nascer o Brasil", Luís Guilherme Santos Neves, que lançou "História de Barbagato" e Milton Teixeira Garcia e Maria Lúcia Teixeira Garcia, que lançaram "O Vale do Itabapoana e a História de São Pedro do Itabapoana e São José do Calçado".

Presidente da AEI Recebe Homenagem

O presidente da Associação Espírito-Santense de Imprensa, jornalista e consócio Frederico Teixeira Filho recebeu significativa homenagem da Ordem dos Jornalistas do Brasil, da qual é o 2º Tesoureiro. A homenagem ocorreu no 2º semestre.

Centenário de Almeida Cousin

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a Associação Espírito-Santense de Imprensa e Academia Espírito-Santense de Letras promoverão homenagens ao escritor Almeida Cousin, por ocasião do seu centenário de nascimento. Entre as homenagens, figura o lançamento, no dia 15 de dezembro, da Coleção Almeida Cousin, composta de 25 títulos de autores capixabas, envolvendo literatura, poesia, folclore, direito e esporte, no que, sem dúvida alguma, será o lançamento editorial do ano em Vitória.

Falecimento

Foram registrados nas últimas reuniões, votos de pesar pelo falecimento de Arminda Penina, avó dos consócios Tânia Rasseli Zanotti e Rubens Rasselli, de Romualdo Gianordolli Filho e Marcelo Bonfim Dessaune. Registrou-se, também, o passamento do pintor Carybé, intimamente ligado ao Espírito Santo, que visitou e pintou, em companhia de Rubem Braga, guiados que foram pelo escritor Renato Pacheco.

Instalado o Núcleo de Iúna

No dia 5 de setembro, foi instalado em Iúna, o Núcleo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, sob a coordenação do consócio Roberto Justo Scardini. Participaram do evento, Luís Sérgio Quarto, Matusalém Dias de Moura, Marcos Freire, Getúlio Aurich, em cuja residência se processou a reunião, Anphilóphio de Oliveira e Gilberto Miranda entre outros.

1ª Hispanidad-ES

A Casa de Espanha, a Associação de Professores de Espanhol, o Departamento de Línguas e Letras da UFES e a Academia Espírito-Santense de Letras promoveram, no período de 02 a 12 de outubro a primeira celebração da Cultura Hispânica e da integração dos povos latinos-americanos. Na noite de 08 de outubro, as acadêmicas Ester Abreu Vieira de Oliveira e Neida Lúcia Moraes proferiram palestras lembrando os centenários de Ciro Viçeira da Cunha, Eurípedes Queiroz do Valle e Sezefredo Garcia de Resende. Durante o evento, a Casa de Espanha homenageou várias entidades culturais do Estado, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico Santo.

IHGES Promove ciclo de palestras

Durante o mês de setembro, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo promoveu um ciclo de palestras totalmente centradas sobre Vitória, como parte das comemorações alusivas ao seu aniversário. Foram quatro quartas-feiras, em que falaram Maria Isabel Perini Muniz, Ricardo Brunow Costa, Willis de Faria e Erico de Freitas Machado.

Evandro Moreira lança livro

O escritor Evandro Moreira, também do IHGES, acaba de lançar, em Cachoeiro de Itapemirim, mais um livro, titulado "Como preservar o Amor a Dois". Ao Evandro, as congratulações do IHGES.

Orquestra da Polônia se apresenta com êxito

Foi cercada pelo mais amplo sucesso a apresentação da Orquestra Sinfônica da Polônia, em Vitória. O Instituto não poderia deixar de apresentar ao Cônsul Honorário da Polônia, o consócio Adam Emil Czartoryski os mais efusivos parabéns.

Consócio Premiado

O consócio Anésio Otto Fiedler foi premiado em recente concurso fotográfico, tendo como tema a cidade de Vitória. Anésio, além de jornalista, advogado e escritor, vem colecionando premiações em fotografia.

Yrisson lembra Alberto Stange

O consócio e historiador Yrisson da Silva proferiu palestra, por ocasião do aniversário do saudoso Alberto Stange Júnior, que por mais de três décadas dirigiu o Colégio Americano Batista de Vitória. Stange exerceu por vários anos a presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, vindo a falecer em seu exercício.

Colégio Americano faz noventa anos

Fundado no início do século pelo educador Loren Reno, o Colégio Americano Batista de Vitória completou em outubro noventa anos. Na ocasião, foi lançado o livro "Vitórias em Vitória", de Yrisson da Silva

UFES também promove Simpósio sobre Anchieta

A Universidade Federal do Espírito Santo também promoveu um Simpósio em homenagem aos 400 anos do Beato José de Anchieta, sob a coordenação do seu Departamento de História, contando, inclusive com a presença de vários professores de Portugal e da Espanha.

Poeta visita o IHGES

O poeta Matusalém Dias de Moura, do Núcleo de Iúna esteve em Vitória, visitando o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. O poeta é autor do livro "Menino da Cachoeirinha", que é, em verdade, um canto de amor a Iúna.

Fundação da Faculdade de Direito lembrada

O consócio Ivantir Antônio Borgo proferiu palestra no auditório do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas sobre os "Primórdios da Faculdade de Direito", no dia 03 de outubro.

Instituto promove Seminário sobre História e Literatura

Nos dias 19, 20 e 21 de novembro, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo promoveu um seminário sobre História e Literatura, contando com a presença do professor José Sebastião Witter, diretor do Museu Paulista, e da crítica e escritora Letícia Mallard, de Belo Horizonte. Durante o evento proferiram palestras os escritores Geraldo da Costa Matos, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Francisco Aurélio Ribeiro, Luiz Busatto, João Bonino Moreira, Renato Pacheco, Maria Mirtis Caser, Rita de Cássia Maia Silva Costa, Maria Thereza Ceotto e Edna Parra Cândido. O seminário, aberto aos professores da Rede Municipal, contou com a Vice-Prefeita Luzia Alves Toledo como Presidente de Honra. No encerramento, foi lançado o nº 49 da Revista do IHGES, dedicado à Anchieta.

RESENHA

Omar Melladah

Manual do Perfeito Idiota Latino Americano, de Plínio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner e Alvaro Vargas Llosa. Apresentação de Mário Vargas Llosa e prefácio de Roberto Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Trata-se do típico manual dos autores, do apresentador e do prefaciador.

Deus o tenha

José Hygino de Oliveira (Taneco)

Todos os dias, ele sempre pela mesma rua e calçada, PITANDO SEU CIGARRO FEDORENTO - FERRAMENTA DE TRABALHO - deixando a marca de sua passagem, seu fim de vida. Sempre ele e seu cigarro fedorento, dias meses, somando anos...

Mas, nem tudo fica para sempre - dizia minha Santa Mãe - pois a vida tem seu fim.

Passaram os tempos, acontecendo o inesperado. Desapareceu o cidadão e seu cigarro, não sendo mais visto por todos aqueles que o conheciam pelo fedor do seu cigarro. Notaram sua falta e pergunta-

ram: por onde andar o senhor do cigarro fedorento? A pergunta ficou no ar e ninguém respondia - ficou sem resposta. Mas, sua falta foi sentida...



Como dizia minha Santa Mãe, nem tudo fica para sempre...

Uma tarde - quando o tempo ia longe - surge nesta mesma rua em que passava o dito senhor e seu cigarro fedorento, um belo FERETRO. Muitos

carros, belíssimas rosas e muitas flores - como despedida - perfumavam o mesmo trajeto fedorento de outrora.

E as perguntas continuavam: de quem será? As perguntas tiveram respostas: foi ele quem morreu! O fumante do cigarro fedorento. Mas, de que teria morrido, qual a causa da morte? Ficou elucidado: Menos um fumante entre nós.

Por que nos vem agora esta lembrança? Sabemos o porquê e em que pensamos... Era meu amigo o homem do cigarro fedorento...

Capixabismo e Ecologia

Duas manifestações recentes da vida sócio-cultural da ilha dão ao observador oportunidade de apreciar traços da maneira de ser, pensar e agir do brasileiro e do capixaba em particular, e que fariam parte do painel da personalidade coletiva e de certo modo se refletiriam no inconsciente de boa parte dos que aqui vivem.

A primeira, de raiz profunda, com veio antropológico, surgiu no valioso "Seminário sobre o Beato Padre José de Anchieta" - 19 a 21/03/97 - promoção da Academia Espírito Santense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do ES, onde a sutileza de Oscar Gama Filho, garimpando as raízes culturais do povo que então se iniciava, a certa altura assim fala: "A moralidade do brasileiro existe mais por um empréstimo da moral do vizinho (que por sua vez a pegou emprestado de outro), por temor da censura e da vigilância dos olhares dos outros (o que os outros vão dizer?) do que por necessidade interna".

A outra vem da rica entrevista de Luiz Trevisan à revista "Você" da UFES - Ano IV - nº 35 - sobre coisas do jornalismo e vida cultural. "As pessoas que fazem a cultura capixaba ainda não aprenderam a exercitar o dom da polêmica o que virá com o tempo com maior amadurecimento. A polêmica não deve ser evitada, pelo contrário, deve ser fomentada porque da divergência de idéias costuma surgir as grandes idéias".

As considerações a seguir sugerem que a primeira delas estaria, por assim dizem, no DNA cultural do brasileiro e a segunda, no viés da matriz comportamental do capixaba destes tempos.

Tal digressão vem a propósito da questão florestal regional, quando avaliada em perspectiva espaço - tempo.

Inúmeros seminários e encontros (lá se vão 8 anos desde "Espírito Santo Século XXI", iniciativa de vanguarda a nível de país), não provocaram esperados desdobramentos. Debate-se, constatam-se seríssimas dificuldades que se avizinham (unanimidade no juízo) e por aí a coisa fica.

Por outro lado, em eventos nacionais destes 2 (dois) últimos anos, percebe-se certo descompasso em relação ao que se passa em MG, SP, SC, PR, havendo nestes, no geral, abordagem de médio e longo prazo,

objetivos, metas, linhas de ação de 15, 20 anos a frente, fugindo ao imediatismo e ao arroubo estacional. Santa Catarina, pressentindo deslocamento dos grandes grupos da agro-indústria avícola - suinícola para regiões de maior potencial - MS, MT, GO, Argentina - lança programa para os próximos 20 anos: fortalecer a estrutura sócio-econômica rural, levando em conta qualidade limitada e relevo do solo, onde prevê plantio de 600.000 (seiscentos mil) hectares de florestas. O programa Catarinense procura, não o simples cultivo florestal sustentado, porém algo mais ambicioso: a figura do agricultor madeireiro, incorporando-se aí, de forma associativa, pelo menos o 1º elo do processo industrial, com evidente vantagem de sentido econômico e ecológico. Esta visão se contrapõe a 5 (cinco) séculos de nomadismo e desfrute perdulário dos recursos naturais.

Fica evidente, assim, o hiato entre ES e aquelas unidades da federação, e o curioso é que, em passado recente, registraram-se aqui grupos de trabalho inter-institucional - governo, empresariado, entidades profissionais, produziram-se relatórios, patrocinaram-se estudos, e mais não houve.

Os obstáculos não seriam de ordem pragmática - zoneamento ecológico, tecnologia, leis das vantagens comparativas etc, nem mesmo um menor estágio de consciência do problema. Algo paira no ar, ou melhor nas cabeças ou nos escaninhos do inconsciente (ou consciente?) dos atores envolvidos: pessoas, grupos sociais, profissionais e lideranças políticas de alguma forma ligadas à questão em foco.

É que em programas de desenvolvimento florestal, embora elegendo-se um elenco de espécies adequadas, não há como fugir da posição de destaque ao gêneros botânicos Eucaliptus e Pinus.

A partir daí, de mistura com história recente e ainda em evolução (menos acerbada a nível de mídia), instala-se um frisson e congela-se o tema, podendo-se falar da existência de uma "Síndrome Eucaliptiana Capixaba". Como componentes desta, dentre outros, estariam a questão ética assinalada por Oscar Gama Filho ("o que os outros vão dizer?"), e a atitude identificada por Luiz Trevisan - fuga à polêmica com seu desdobramento "não entro nesta briga" - resultando tudo isto na paralisação de todo o processo.

Explica-se assim a defasagem Capixaba anteriormente constatada.

Sem que se ultrapasse esta barreira, o tema não avança. O cadáver está no armário, para usar imagem do teatro francês, usada pelo General Golbery, no famoso caso do Rio Centro.

A peroração convencional se encerraria aqui.

Mas, de repente, uma alternativa a esse impasse poderia estar em outro universo de apreciação, nas paragens onde gravitam aquelas teses de Oscar Gama Filho e Luiz Trevisan, se se adicionam mais dois componentes: a competitividade entre regiões (ser modelo a nível nacional, ineditismo de ações e idéias que seria outro componente, na escala de valores, do perfil regional, e a estratégia de resolução dos problemas (atitude), o "dá-se um jeito", o jeitinho brasileiro. Claro que os eflúvios de ação seriam outros, de ordem transcendental, sincretismo religioso, e tal. Ora se os Estados de Santa Catarina e São Paulo estão à frente do ES, contam eles, por certo, com participação dos padrinhos lá do alto: a virtuosa e venerável Santa Catarina e a força incontestada do Apóstolo São Paulo, um dos pilares do Cristianismo! Ah! Mas aí nossa província é imbatível! Pois através da 3ª pessoa da Santíssima Trindade o ES é, nada mais nada menos, que xará do Supremo.

Mexam-se os pauzinhos e seremos o 1º do pódio!

Claro, forrado por um tapetão verde-amarelo!

Tudo isto seria a letra do samba do crioulo doido. Faltaria a música.

Porém de qualquer forma o tema deve continuar na berlinda, para o bem do ES do próximo milênio, que bate à porta.

"Sem o hábito de cultivo florestal o Espírito Santo corre o risco de perder a sustentação de sua agricultura no século XXI".

(A ânsia de contribuir ultrapassa o medo de entrar em seara alheia, correndo-se o risco de receber, monitorado pelo mestre Renato Pacheco, o boomerangue: "não vá o sapateiro além da chinela").

A POESIA É

SINTOMA

ROBERTA GIOVANNOTTI - Psicanalista

Me vi na dor do outro
de lanterna na mão
farejei um mal alumado
morei por um instante
em labirintos encharcados de lembranças
cheguei diante da casa da infância,
castelo habitado por Romeu e Julieta em outros tempos
ancorei neste amor
fiz até mesmo o jogo interno do sol
cunhei bandeiras
na lente da imaginação
depois da tragédia me vesti da
paixão rubro-negra,
subindo na árvore que se quer revolucionária
libertei o pássaro
tudo ao meu alcance
e tudo tão longe...
da certeza de Adão e Eva
como a maçã e fico na dúvida
de oito a nove
eu só quero o dez
sou vício de sua fonte

RECONCILIAÇÃO

HERALDO BRASIL - Março/96

O silêncio
de sua ausência
mexe com a minha ânsia,
aumenta nossa distância.
Deve haver um jeito
de retirarmos do peito
a mágoa que nos devora.
Façamos aqui agora,
um processo formal
e numa atitude cabal,
joguem fora
o que nos faz mal.
Façamos, também, um exame
de nossos comportamentos,
assim evitaremos o vexame
de traçarmos os bons momentos
por desencontros, descaminhos
e ao invés de desavença,
procuramos carinho.
Tavez ainda haja esperança,
se formos nossos próprios juizes,
se fomos ao nosso erro bem fundo,
para concluímos enfim,
conclamando ao mundo
que estamos a fim
e que somos, outra vez, felizes

SÚPLICA I

JOSÉ PAULO DE SOUZA FILHO

(Homenagem do AVÔ pelo
nascimento da neta)

Toma em teus braços, oh! Senhor Jesus.
Recebe, com carinho, esta criança.
Mostra a lição da verdadeira cruz
e dá-lhe salvação, graça e esperança.

Parece flor, divina mão produz
negros cabelos e futura trança.
Faze brilhar no mundo a sua luz
quem no colinho da mamãe descansa.

Céu estrelado em noite linda e clara,
ela chegou serena, joia rara
erguendo os fortes braços por escudo.

No AMÉM dos pais, em prece cristalina
agradecem a fé, o carinho, tudo,
pelos olhos sutis de CAROLINA.

NOVOS TEMPOS

OMMAR MELLADAH - 09/09/97

Eu vinha de madrugada
a cabeça cheia de puras
por uma rua mal iluminada
quando de repente
dei com um muro
em cuja alva pintura
alguém pichara com muito apuro:
"Abaixo a dentatura"

PRIMAVERA - VITÓRIA

VICTOR BIASUTTI

Poema do amanhecer, no horizonte - Vitória:
Flutuam cores. Dentro d'água, saltitando,
como estrelas descidas de escada marmórea,
azuis, verdes lilazes, das nuvens rolando.

Macias, alvas, como flocos de algodão,
brancura fugidia de um vôo de garça,
passando vôo, sumindo longe, na amplidão,
num prateado repente, que no céu se esgarça.

No beiral da varanda, um pardal vem pousar,
orquestrando outros pássaros, em sinfonia,
um bentevi, um crá-crá, se põem a cantar.

Festivo o sol desperta em alegre saída
e Vitória acordou num sonho de magia,
primavera estação colorida da vida.

NECESSÁRIA

MARINHEIRO FENÍCIO

JORGE MEDAUAR

Para Miguel Depes Tallon

Sabei, sabeis que fiz, de antigos cedros,
Barcos que a infância pôs à flor das ondas.
Meu pai, que é Medauar, teceu-me as velas
E a filha dos Zaidans, que é minha mãe,

Pôs amoras de mel no tombadilho.
Nesses barcos navego, marinheiro
Fenício do zodíaco e dos trópicos
Vermelhos de lamentos e canções.

Hoje tenho lagunas, onde aperto,
Tranquilamente, sob a luz branca,
O coração de Tâmara madura.

Se vos trago damasco e bakláua,
É porque recebi dos velhos árabes,
Um lastro de doçura nesses barcos.

CORAÇÃO DE POETA

BEATRIZ MONJARDIM F. SANTOS

Tenho minh'alma de amarguras;
sangra em meu peito um coração ferido;
não sofro apenas desventura;
tem todo poeta o coração partido.

Todo poeta sofre um mal sem cura;
carrega a dor dos tristes e oprimidos;
mas tem também um dom, doce loucura;
transforma em versos, pranto e gemidos.

Assim a dor dói menos, logo passa...
juntando rimas, faz com tanta graça;
um soneto de amor profundo, intenso.

E do pranto amargo da ingratidão,
faz guirlandas em versos de perdão;
tem todo poeta coração imenso!...

VISÕES DA TARDE

ATHAYR CAGNIN

É quando vai sumindo a claridade
e a luz do sol se esquiva, fugidia,
que estranha sensação de soledade
enche minha alma de melancolia.

A presença invisível da saudade
a pouco e pouco mais se evidencia.
E eu me sinto transposto a uma outra idade
à proporção que vai morrendo o dia.

E quando, à meia-luz crepuscular,
a noite vai descendo devagar
em desalentadora transição,

Fechando os olhos vejo claramente
meus mortos que se chegam lentamente...
Mas quando os olhos abro eles se vão.

QUARESMINHAS

ANTÔNIO MONTEIRO

Sítio Coimbra 05/08/97

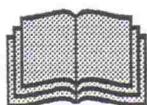
Plantei sete quaresminhas
na borda do meu jardim,
mas depois plantei mais uma
para não rirem de mim
pois há quem diga jocoso
que quem diz a conta sete
afirma e ainda repete
diz conta de mentiroso

Agora aguardo tranquilo:
na próxima primavera
o tempo muito me apraz
ver os arbustos florirem
bem lindos na cor lilaz

É SEMPRE ASSIM

TANECO

– Deixo não moço...
O que você quer fazer?
Moço: deixo não.
Pode doer – deixo não...
Não, moço: deixo não...
Depois:
– Você vai – nós ficamos:
Eu, ele...
– Deixo não, moço: dói...
Zanga não, moço.
Moço: por que?
– Quero não.
Não, moço, você vai:
Deixo não.
Faz não moço...
Moço! Faz não!
A...i i! Ai...



Resenha Bibliográfica



Renato Pacheco

Celso Perota et alii - As panelas de Goiabeiras. - Vitória, PMV, 1997.

Dando seqüência à série "Memória viva" a secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória publica o 5º volume com texto dos professores universitários Celso Perota, Jaime Roy Dossey e Roberto A. Beling Neto e fotos de Edosn Chagas, sobre *As panelas de Goiabeiras*.

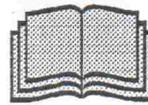
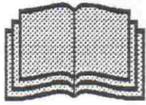
O livro faz uma brevíssima introdução

sobre cultura popular e versa, a seguir, proficientemente, o complexo cultural da panela de barro, a arte de fazê-las, técnica de confecção, caracterização social e organizacional do complexo "panelas", a organização das panelas bibliográficas.

Fabricar as panelas de barro, em Goiabeiras, enegrecidas, ainda quentes, da foguei-

ra, com tanino do manguê, é o artesanato mais típico do município de Vitória, e, resgatar-lhes o centenário trabalho num livro solidamente documentado é serviço real que a PMV e os AA. Prestam às artesãs, a nossa cultura e ao registro do que temos sido e somos. (JC).



**Cadernos de pesquisa-Ano I nº 1 - Mestrado de Letras. DLL/UFES.**

O mestrado em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo lançou, em agosto de 1997, com apoio da Pró-Reitoria de pesquisa e graduação da Universidade e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo o número 1 de seus *Cadernos de Pesquisa*.

Estamos diante de um contributo importante para a história da cultura capixaba.

São oito pequenas monografias, valorizando a literatura brasileira que se faz no Espírito Santo, atuante e qualitativamente igual a dos outros Estados.

O Prof. Francisco Aurélio Ribeiro, coordenador do curso, volta às figuras femininas ímpares de Maria Stella de Novaes e Haydée Nicolussi, prosseguindo com maior ênfase o enfoque iniciado em *A literatura do Espírito Santo - uma marginalidade*

periférica, Vitória, Nemar, 1996.

Maria Cristina Magalhães Castello reporta-se à poeta Maria do Carmo Schneider, analisando-lhe o "eu lírico".

O grande escritor Reinaldo Santos Neves (Prêmio Almeida Cousin do IHGES pelo conjunto da obra, 1997), merecidamente, é objeto dos estudos de Maria Isolina de Castro Soares e Tânia Cristina Vargas Canabarro.

Maria Lúcia Kopernick, com acentuado senso crítico, estuda alguns cronistas capixabas, entre os maiores do país.

Maria Thereza L. Coelho Ceotto faz aproximação entre *Aninhanha* de Pedro J. Nunes e *Grande Sertão - Veredas* de Guimarães Rosa.

"O inter-texto em *Torre de Silêncio*" de L. G. Santos Neves é superiormente estudado por Miguel Depes Tallon.

E, "last but not the least", Virgínia Coeli Passos de Albuquerque volta a *Aninhanha* e passeia Hermínia Maria de Amylton de Almeida, estudando-lhes as mulheres de papel.

É admirável a homogeneidade e o alto nível dos textos enfeixados neste volume, mostrando que a UFES está ministrando, na área de letras, um curso de mestrado que nada fica a dever aos demais do país, em literatura.

Por outro lado, a valorização das coisas de nossa terra só pode receber nosso aplauso. Obra de tal valia merecia a inclusão de sumários, em outras línguas, que permitisse mais ampla divulgação dos textos entre os estudiosos que não lêem em português. (J.)

**Pellerano, E.T. - Aventuras de um peripatético, Rio, edição de 1996**

Durante muitos anos, nas décadas de 30 e 40, Eugênio Pellerano foi professor do Ginásio Espírito Santo (hoje Escola de 2º Grau do Espírito Santo) e da Escola Técnica Federal de Jucutuquara.

Espírito arguto e observador de cientista nato, destacou-se também como agrimensor, pesquisador oceanográfico, chefe escoteiro do mar, prático de nossa Barra e inventor do Urofone.

Em 1945, mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a lecionar na Escola Técnica "Celso Suchow da Fonseca" físico assistente de Cesar Lattes, e pesquisador de notória reputação, principalmente pelos

projetos Vampiro e Planck e na construção do 1º motor a jato do país.

Agora, o professor Pellerano, gozando de merecida aposentadoria, coloca no papel um pouco de sua vasta experiência, no interessante livro de memórias *Aventuras de um peripatético*.

O livro consta de sete partes: o espírito de aventura; aventuras no mar; aventuras na selva; aventuras emotivas; aventura dentro de nós; aventuras tecnológicas e aventuras no cosmo, que se lêem como um bom e autêntico romance.

Para nós capixabas o interesse maior está da página 21 à 138, em que o Autor relata

seus trabalhos em nossa terra. Do ponto de vista da geografia litorânea de real importância o relato sobre a redescoberta dos baixos dos Pargos (atual Barreiras do Siri) a 21° 10' 30" L sul e 40° 54' 05" Lo, oeste, descobertos por Cristóvão Jaques, em 1504, e que contaram com as referências bibliográficas oferecidas pelo nosso benemérito consócio Almeida Cousin (p. 38 e seguintes).

O livro do professor Eugênio Pellerano não poderá faltar nas estantes capixabas, por ser importante documento histórico sobre nossa terra. (R.)

**Vários autores. Era uma vez... Hermógenes Lima Fonseca. Vitória - Editora Atlântica/1997**

A morte de Hermógenes Lima Fonseca, o profundo conhecedor das manifestações da cultura popular do Vale do São Mateus, se não pegou de surpresa seus amigos, que o sabiam doente há muito, deixou um vácuo entre os estudiosos de nossa demologia, os quais ainda lamentavam a perda irreparável de Mestre Guilherme Santos Neves, professor de Hermógenes e de todos nós que amamos a cultura popular

capixaba.

Com apoio cultural do Banestes e distribuição gratuita é publicado, agora, o livro *Era uma vez... Hermógenes Lima Fonseca*, sob a coordenação editorial de João Fernandes, 26 artigos curtos, foto da capa de Rogério Medeiros e xilogravuras de Moema Rebouças (excelentes).

Como estamos diante de textos apolíticos, de A. Falecido recentemente,

o livro se ressentido de visão crítica sobre sua obra, sobretudo pela não travessia da ponte que liga a etnografia à etnologia, ótica que, por certo, se reserva a seus futuros biógrafos.

No entanto, em terra onde tão pouco se valorizam seus grandes filhos, é livro que impõe respeito aos estudiosos. (RJCP).



Meu querido e inesquecível Vem-vem

A D. Branca, Dr. Mário Estima e familiares - JN

Houve um tempo, antes de eu tornar-me ecologista, que eu criava passarinhos. Cheguei a ter quatorze gaiolas, vivendo assim sob a influência de constante concerto musical tendo Deus como Maestro.

Esse número de passarinhos engaiolados surgiu da ideia de eu evitar que eles fossem tratados sem o devido merecimento como acontece geralmente com quem cria passarinhos, não levando em conta que eles aqui na Terra respondem pelas belezas do céu.

Os passarinhos que eu criava eram bem tratados. Nas gaiolas os dois pausinhos de eles pousarem os pés, eram um fino e o outro um pouco grosso para exercitarem os nervos.

Todos os dias as gaiolas eram higienizadas e cuidadas água e ração sempre sob rigoroso controle.

Além da bisnaga com água uma banheira de barro que me deliciava muitas vezes vendo os passarinhos se banhando. Tudo bonito e muito interessante mas não saía de dentro de mim o sentimento por vê-los presos.

Seriam tratados igualmente nas mãos dos outros? Muitas vezes eu pensava em soltá-los mas fazia ideia do provável sofrimento em mãos de outros como sou testemunha.

Todos os dias os meus passarinhos ouviam música clássica além da minha conversa sobre Fraternidade Universal e outros assuntos voltados para o bem.

Alguns deles ao ouvirem o que eu lhes dizia, ficavam imóveis como magnetizados com as minhas palavras.

O Concerto Nº 1 de Tchaikovsky e o Lago do Cisne, por exemplo, eram por eles apreciados, alguns deles ameaçados com arrepios.

Quando morei em Cariríçu, alguns passarinhos em meu poder tinham nome: Titan, Saturno, Mercúrio, Marinheiro, PIANO, Fragata.

Quando mudei-me para Juazeiro do Norte e morava no pequeno apartamento em cima da Loja Maçônica "Cavaleiros Espartanos" criava um Vem-vem (Gaturano) o passarinho de minha sempre predileção.

Era grande o meu Amor por esse passarinho com quem todos os dias eu conversava e ouvia música em dias alternados, sempre música erudita.

Era uma beleza a nossa vida.

Um dia eu disse ao Vem-vem que, se o soltasse e viesse a saber que nas mãos de outros ele continuava sendo bem tratado, assim mesmo eu sofreria muito tendo saudade.

Tudo que eu dizia ao Vem-vem ele compreendia, não o português, é claro, mas as Vibrações Intenção que eu lhe transmitia.

O olhar dele nessas ocasiões me era sempre significativo.

Nessas nossas conversas em pensar soltá-lo, eu lhe pedia que avaliasse o provável sofrimento caso vivesse em poder de quem só se interessasse pelo seu mavioso cantar, cuja gaiola encimasse uma mesa rodeada de cachaceiros ou de políticos clínicos e especialistas em mentiras e promessas.

Eu era naquele tempo Representante Comercial Autônomo.

Quando nas minhas viagens em caráter de negócios, eu deixava a gaiola bem prevenida de tudo, ração em água e alimento para quinze dias, cujas viagens duravam geralmente, no máximo, dez dias.

O Vem-vem já estava acostumada com essas minhas costumeiras ausências.

Determinada senhora da vizinhança achava interessante o que eu lhe falava sobre o meu amigo gaturano.

Pedi-me certa vez que, ao viajar, eu deixasse o Vem-vem em sua companhia prometendo tratá-lo bem, no que concordei.

Era a primeira vez que o Vem-vem deixava aquele modesto apartamento.

Logo que regresssei de uma viagem até Fortaleza, antes de entrar no apartamento fui até a morada de referida senhora dizer ao Vem-vem que estava de volta.

Não vi a gaiola na sala nem no jardim o que de imediato obrigou-me a perguntar pelo passarinho.

Depois de eu ter tomado um copo de água adiantou-me a dona da casa.

Quando o senhor viajou o passarinho não comeu, não bebeu, não cantou, não saiu do mesmo lugar onde ficou desde quando o senhor da qui saiu, conservou-se tal qual uma estátua e... morreu.

Pareceu que eu fui ao outro mundo na ânsia de encontrá-lo.

Tive a impressão que eu também ia morrer.

Sentado na poltrona comecei a chorar feito uma criança. Dali saí desolado, continuando o choro íntimo que ainda hoje me persegue.

Quando na ida até o apartamento amigos me perguntavam porque aquela cara de choro, a resposta foi a mesma:

— O meu Vem-vem morreu.

Que horror, meu Deus!

Deitado, já no apartamento, em pequeno embalo na rede, sem ânimo e triste, eu sofria amarguradamente.

Será que o Vem-vem, ficado noutra casa, pensou que eu não mais o queria?

Teria ele ali sentido irradiação de Aura doentia, contaminosa, de impureza, envenenada pelo noticiário vicioso do rádio, sem ouvir Beethoven, Mozart e outras belezas musicais que lhe ajudavam nas suas inspirações para cantar?

Certamente lhe magoaram a ausência de palavras de afeto e o carinho que todos os dias ouvia de mim.

E verdade que a família sob os cuidados de quem deixei o meu saudoso passarinho mantinha certas rixas íntimas deteriorando o ambiente interno naquele lar.

O Vem-vem pela própria Natureza e com minha ajuda, com o meu convívio estava acostumada a receber vibrações diferentes.

E diante da mudança ambiental é possível que ele tenha se sentido constrangido e afetado fortemente pela condição áurica, preferindo morrer.

ALDENOR BENEVIDES — Juazeiro do Norte - CE

Muniz, Maria Izabel Perini. Cultura e arquitetura - a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo. Vitória, EDUFES, 1997.

Uma tese de doutorado, com seu grandiloquente tom acadêmico, pela necessidade de o examinando demonstrar erudição, quase nunca se torna leitura agradável. Lêem-na o A. (muitas e muitas vezes), os que trabalham na editoração e (por obrigação) os membros da Banca Examinadora.

Porém, uma tese de doutorado quando reelaborada para difusão entre o grande público, muita vez, se torna um precioso achado para os leitores ávidos por livros históricos de alto nível. Foi o que aconteceu

com a tese de Maria Izabel Perini Muniz lançada, recentemente, pela coleção Estudos Capixabas da Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, e que contou, entre outros, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

O livro versa a arquitetura rural italo-capixaba, comparativamente com a do norte da Itália, no Trentino e no Vêneto. Mais amplo, no entanto, o escopo da obra, pois que em sua introdução e dois capítulos iniciais trata mais que da simples necessidade de moradia, penetrando no projeto de vida do

migrante, baseado em sua esperança de vida melhor, sonho que nem sempre se concretizou.

O cerne da obra, bem ilustrado, inclusive com reprodução de documentos raros, compara a nova casa com a que pré-existia na terra natal. A bibliografia consultada é "up-to-date", e conduz qualquer pesquisador futuro sobre tema correlato através de via segura, que muito valoriza o trabalho resenhado.

RENATO PACHECO



Resenha Bibliográfica



Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa

Oliveira, José (Taneco). Vida e o Zeca, Vitória, Edição do autor, 1997

Nosso prezado consócio José Hygino de Oliveira, Taneco, vem de publicar, com o apoio da Federação das Indústrias do E. Santo, complementando trabalho anterior, uma autobiografia diferente: *Vida e o Zeca*.

Neste pequeno grande livro são relatados, com singeleza, episódios de uma vida que se iniciou humilde e sofrida, e se fez grande, mercê do trabalho, da fidelidade a ideais e a amigos, de luta e de vitórias.

Taneco nasceu na Vila Rubim, e sempre foi homem ligado a seu torrão natal. Aprendiz na escola do mundo tornou-se

doutor. Alfaiate dos melhores que houve em nossa terra, dono de tipografia, organizador associativo, seu exemplo de homem digno ressumado pequeno livro que estamos resenhando.

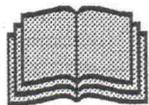
Nosso também querido confrade José Garajau da Silva, ao apresentar, na orelha, o livro, teve oportunidade de dizer: "O seu livro se lê com prazer, não só por desenrolar uma vida exemplar, como pelos chistes de boa inspiração, que aqui e ali fazem narrativa leve e espirituosa.

De 1921 a 1931 teve Taneco um decê-

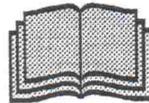
nio de aprendizado profissional, e de todos os seus mestres lembra com gratidão, em páginas repassadas de ternura, poético aqui, filósofo ali. E relembra muitos episódios curiosos de sua vida que merecem nosso aplauso.

Vida e o Zeca é um livro modesto, como modesto é seu autor. *Vida e o Zeca* original apresentação de dois livros em um, é documento para a história social de nossa cidade. (LBRAR)





Resenha Bibliográfica



**Carmem Schneider
Guimarães**

VILA VELHA DA SENHORA DA PENHA

Encanta pelo esmero o trabalho da Empresa das Artes Projetos e Edições Artísticas.

O livro está perfeito: texto e fotografia. A palavra sugere a ótica de quem vê a cidade à distância. Exatamente de quem escalou o monte e enxergou a Vila Velha de Nossa Senhora da Penha. Além das impressões digitais do município, a perfeição do retrato falado da que se nomeou na pia batismal: Capitania de Vasco Fernandes Coutinho. O estilo, tripartite, firma-se, aqui, na serenidade de expressão, mais além, na fluidez da narrativa, e

inclina-se, finalmente, à leveza do monitorar moderno, com endereço juvenil. Contrastes, para benefício da arte da escrituração e do prazer da leitura. O jocoso, infiltrado na dissertação, serve para quebrar a monotonia histórica do discurso.

A fotografia traduz e expõe o artista da câmera: Humberto Capai. São de florir a pele, em arrepios, o enfoque, a cor, a perspectiva, a dimensão da sombra, o apuro do ângulo, os reflexos vitrais, o exato momento entre o piscar e o reacender dos olhos; sobretudo, a busca da luz: frontal, de esquelha,

e a que se adivinha no avesso da imagem, no estrelado marinho em pirilampos. Talento e felicidade.

Os escritores Renato Pacheco, Reinaldo e Luiz Guilherme Santos Neves ilustram o passado e fixam o presente da terra que gestou e deu à luz o Estado do Espírito Santo.

Depois do que já realizaram, vêm aí outros trabalhos literários, anunciados, com o documentário sobre os Manguezais espirito-santenses, e o das reservas de uma sociedade conservada estrangeira, os Pomeranos, no município de Santa Maria de Jetibá. 

Uma Reparação

Berredo de Menezes

Em janeiro deste ano, meu amigo e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, poeta Miguel Depes Tallon, me pediu que organizasse uma antologia de haicais de escritores do Espírito Santo. Na oportunidade ele me emprestou duas obras de um poeta, já radicado no Espírito Santo, que eu não conhecia; "Digitais" e "32 Poemas", de Bith.

Organizada a antologia, a que dei o título de "Vento no Bambuzal", entreguei-a ao amigo para publicação na coleção "Almeida Cousin".

Eis que, já impresso o livro, deparo com o belíssimo "Arpejos", da escritora e poeta Maria Filina Salles de Sá. Pronto o livro, nada mais haveria a fazer. Nada disso. Faço-o, agora. Já que não pude dispor do livro para dele extrair alguns haicais de Maria Filina, brindo, agora, os leitores, com alguns deles, me desculpando com a autora, por não a ter sabido antes uma autêntica "haijin":

"Cansaço chegando.
E na ladeira da vida
o poente cai.

"O mar agitado,
Netuno que se agiganta
com ar de revolta."

"Natureza em festa.
Há farfalhar de palmeiras
em baile de folhas".

Veja o leitor que Maria Filina ostenta um invejável domínio da técnica do haikai, inclusive sem o título, que o haikai autêntico prescinde de título, e com a pausa cortante do "kireji", além da impecável manutenção da metrificação em 5, 7 e 5 sílabas, para os três versos, respectivamente.

Infelizmente, para minha antologia, uma grande covardia da autora em não me ter mostrado antes o seu livro.

CONVERSANDO A ESMO

Agora, depois de tanto tempo sem vocês, pai e mãe, é que sinto o quanto os amava, sem o saber. Julgava, até então, que o sentimento que nutria fosse de mero respeito ou gratidão, mas hoje percebo que era algo bem mais sublime.

Eu os sentia a cada momento e não fazia uso de suas fortalezas, dos seus carinhos e arrimos. Hoje, que preciso tanto, a lei universal se mostra irredutível.

Pai, mãe, mesmo distante de vocês, hoje, em sinal de desagravo, com muita saudade no peito, deixei a caneta

correr, escorregar mansamente por estas brancas páginas e acabei escrevendo estas singelas palavras de amor, saídas espontâneas do meu coração.

Onde estiverem, estejam certo de que um filho muito querido não se esquece de lembrá-los, a cada momento do dia, e a pedir que o reencontro não se faça tardar.

Um beijo afetuoso para vocês e até breve !

Humberto De' Maestro